



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **O TRABALHO (IN) FORMAL DAS PESSOAS QUE VIVEM DO COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NAS ROMARIAS DE BOM JESUS DA LAPA: A MEMÓRIA E A RELIGIOSIDADE NA PRODUÇÃO DA SOBREVIVÊNCIA**

Karolyny de Oliveira Almeida\*  
(UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves\*\*  
(UESB)

### **RESUMO**

O presente artigo objetiva, precipuamente, aprofundar algumas compreensões possibilitadas pelo estudo de Mestrado que teve por interesse central as relações entre Memória e Trabalho, no contexto do espaço turístico-religioso da cidade santuário de Bom Jesus da Lapa, BA. Tomando a problemática atual do trabalho, a partir da produção da sobrevivência de homens e mulheres, velhos e crianças de várias cores e trajetórias, que se reproduzem a partir do comércio de artigos religiosos nesse lugar - constituído historicamente e tradicionalmente como um lugar sagrado e de manifestação religiosa -, analisamos o trabalho (in) formal e precário que acontece nas romarias de Bom Jesus da Lapa como uma expressão fenomênica das novas formas de espoliação do capitalismo atual, contudo, não desconsideramos o recurso e a resignificação por parte dos trabalhadores, da memória social do lugar, para a sobrevivência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho (In) formal. Memória. Religiosidade.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo pretende trazer à discussão algumas compreensões e reflexões possibilitadas pelo estudo de Mestrado, cujos interesses principais estiveram pautados na relação entre Trabalho e Memória, no contexto do espaço turístico-religioso da cidade santuário de Bom Jesus da Lapa, BA – um lugar que se

---

\*Pedagoga, pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

\*\* Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunta da Universidade Estadual da Bahia (UESB) e Docente do PPG *Memória: Linguagem e Sociedade*.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

distingue dos ditos comuns ou “profanos”, por ter sido constituído histórica e tradicionalmente como um local sagrado e de luz, no qual, acredita-se, habita o próprio Deus.

No estudo em epígrafe, a problemática atual do trabalho foi refletida a partir da análise dos modos como homens e mulheres, velhos e crianças não inseridos em oportunidades formais de trabalho se reproduzem por meio do comércio de artigos religiosos oportunizado pelas romarias dessa cidade constituída a partir de mitos, crenças, da religiosidade e da memória social que a mantém sacralizada.

Desde os primeiros contatos com esse lugar Lapa e das primeiras aproximações ao espaço situado no entorno do seu Santuário (denominado genérica e comumente de “espaço das romarias”), as inquietações surgidas sempre disseram respeito à aparente imbricação entre o trabalho dos comerciantes de artigos religiosos na frente do Santuário do Senhor Bom Jesus e a memória constituída no/sobre o lugar.

Assim, na construção do objeto de estudo foi considerado, sobretudo, que os trabalhadores (as) de que se fala, em seus processos de produção da sobrevivência, tomam por recurso a memória que constituiu e mantém este lugar sagrado, de modo que o objetivo geral da pesquisa foi compreender a relação existente entre a memória socialmente construída sobre a sacralidade da cidade de Bom Jesus da Lapa e a elaboração de estratégias das pessoas que sobrevivem do comércio de artigos religiosos na porta do seu santuário.

A cidade de Bom Jesus da Lapa está situada no Médio São Francisco, região do polígono da seca. Considerada como cidade-santuário, foi historicamente construída como “local de luz”, de fé, de “solo sagrado”, de peregrinações e de romarias. Segundo Malheiros (2008) e Steil (1996), Bom Jesus da Lapa já nasceu como um lugar sagrado e a gênese do seu processo de constituição esteve relacionada à convicção religiosa de que pisar no seu solo, visitar a grande



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

formação de pedras (em torno da qual o processo de sua sacralização foi emergindo) e expressar a devoção ao Senhor Bom Jesus, abrigam algo de sobrenatural que possibilita às pessoas serem alcançadas por graças e bênçãos. A sacralização do lugar se dá pela concepção de que “há locais privilegiados em que Deus se manifestou” (ROSENDAHL, 1996, p. 36).

A tradição de romarias de Bom Jesus da Lapa é identificada como um fenômeno que se situa na esfera do sagrado, do religioso, da cultura e das tradições, e está relacionada, de maneira muito direta, com uma memória social que a construiu e mantém como um lugar sagrado. Essa memória, socialmente construída, extrapola os limites da cidade e da região, já que é compartilhada por pessoas de diversos lugares, e no espaço das romarias, nos gestos relacionados à sua tradição, nos mitos construídos no processo de sacralização desse lugar, ela se materializa como “lugares de memória” (NORA, 1981).

Caracterizada predominantemente por sua função religiosa, os contornos da estrutura econômica, comercial e, sobretudo, cultural de Bom Jesus da Lapa, foram se constituindo e se moldando sob as influências do sagrado e da religiosidade, ratificando o que Rosendahl (1996) salienta ao afirmar que “as cidades-santuários são centros de convergência de peregrinos que, com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e do espaço” (ROSENDAHL, 1996, p. 46).

Em uma lógica segundo a qual o sertão não teve, historicamente, possibilidades de dinâmica econômica expressivas, as romarias, as peregrinações e o turismo religioso foram configurando a economia de Bom Jesus da Lapa. Portanto, o turismo voltado à expressão da religiosidade emergiu como uma possibilidade.

Apesar de, atualmente, o município apresentar uma relativa dinâmica econômica calcada na agricultura irrigada, com a exploração do agronegócio voltado à produção e exportação de frutas, o comércio local ainda depende do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

impulso dado pelas romarias, que aquece os serviços ligados à hospedagem e à alimentação e, especialmente, cria condições para o comércio dos trabalhadores (as) informais, diretamente ligados ao circuito do turismo pela venda de artigos religiosos.

O trabalho informal de comerciantes de artigos religiosos em certa medida é a expressão concreta dos processos de precarização do trabalho e da vida, no espaço turístico religioso de Bom Jesus da Lapa. Essas possibilidades de trabalho e sobrevivência foram direcionando as formas de organização do espaço urbano e das relações sociais da cidade. Considerando que se tratam de possibilidades emergidas no âmbito de reprodução do capital, também produzem formas e relações sócio-espaciais capazes de expressar as contradições do sistema capitalista.

Para a compreensão do trabalho das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos nem Bom Jesus da Lapa, na relação com a memória, consideramos a memória socialmente constituída sobre o lugar, visto que em um longa duração essa memória foi se constituindo, se tornando lugar objetivo e sendo apropriada como recurso de sobrevivência por trabalhadores (as) sem emprego formal, que passam a viver da sacralidade do lugar. Relevamos que esses trabalhadores (as) foram ao longo do tempo constituindo um modo específico, através das experiências vividas, percebidas e modificadas, no espaço que é, a um só tempo, de religiosidade, de memória e de trabalho.

Objetivando compreender a relação existente entre a memória socialmente construída sobre a sacralidade desse lugar e a elaboração de estratégias das pessoas que sobrevivem do comércio de artigos religiosos na porta do seu santuário, tomamos por caminho teórico-metodológico, o entendimento do lugar que hoje é Bom Jesus da Lapa, contextualizando-o especialmente, já que o entrecruzamento da memória e do trabalho – que constituiu os eixos centrais da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

análise – acontece exatamente nos lugares e nos espaços, com toda a complexidade que estes abrigam.

Nesse sentido, destacamos que as realidades sociais são constituídas a partir de múltiplas dimensões, cujos elementos se entrecruzam formando uma trama complexa. O processo de construção de cada lugar possui relação, sobretudo, com sua trajetória histórica, com as peculiaridades que envolvem suas características e localização geográfica, com a cultura que foi sendo solidificada neles ao longo do tempo, com a economia e, com a memória social, que - construída a partir de uma relação de influências recíprocas com as dimensões mencionadas – se impregna ao lugar, ao espaço, ao concreto, interferindo nas experiências que nele são construídas, vividas, percebidas e/ou modificadas.

Halbwachs (2006) defende a importância da memória socialmente construída, no processo de constituição dos espaços concretos, do mesmo modo que estes - enquanto contextos de referência -, funcionam, simultaneamente, como referencial para a construção das memórias, como o entorno social ao qual as pessoas se reportam quando precisam recompor o passado comum e como a materialidade na qual a memória se apega. Isso porque para Halbwachs (2006), a memória se concentra no espaço, nos objetos e no concreto, como uma forma de adquirir durabilidade, já que as impressões se sucedem umas às outras de maneira muito acelerada, mas o concreto dura. É desse modo que, para esse autor, os espaços concentram memórias, justamente porque a relação entre ambos é inextricável.

Os lugares que possuem uma ordem espiritual predominante e são caracterizados, principalmente, pela sacralidade, normalmente são marcados pelas práticas religiosas de peregrinação e romaria. Para Rosendahl (1996), por possuírem um caráter sagrado atribuído ao espaço, esses lugares possuem uma organização espacial, social, econômica e cultural interna, específica, inclusive por também sofrerem as influências dos peregrinos que, enquanto agentes



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

modeladores, a partir da vivência com o espaço sagrado, interferem em grande medida em sua organização.

A cidade santuário de Bom Jesus da Lapa se mantém em sua sacralidade, porque enquanto espaço geográfico, concreto e abstrato, contém traços duradouros que foram resistindo, permanecendo no decorrer de uma longa duração e desse modo contribuindo também para a longa duração da própria memória social construída em torno do seu espaço e dessa sacralidade.

Contudo, se for olhado a partir do ponto de vista econômico, o processo de conformação dos lugares, e conseqüentemente das realidades sociais a eles atreladas, é também influenciado pelo modo de produção hegemônico que, de acordo com as suas lógicas, interfere na configuração dos lugares e nas suas trajetórias econômicas, sociais, históricas e culturais.

Nas considerações que tecemos, nos baseamos nas compreensões de Santos (2004), que defende que o espaço, a sua conformação e suas características, possuem uma relação estreita com a economia, bem como refletem a produção e a reprodução das contradições socioeconômicas. Tomamos as ideias desse autor, sobretudo em virtude das suas concepções a respeito do espaço, no que tange a coexistência de duas realidades contraditórias. Ao categorizá-lo a partir da teoria do “espaço dividido”, segundo a qual desenvolvimento e subdesenvolvimento – enquanto expressões concretas da contradição – são facetas de uma mesma realidade, Santos (2004) tece as suas explicações a respeito da materialização das contradições do sistema capitalista na economia e no espaço.

Disso resulta que o sistema capitalista cria, a partir da heterogeneidade da realidade social, as condições ideais para materializar as suas lógicas contraditórias, expansionistas e seletivas, ao mesmo tempo em que é a partir de tais lógicas que se configura a heterogeneidade referida. São os problemas advindos dessa heterogeneidade, estrategicamente produzida pelo capitalismo,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que consideramos, com a finalidade de compreender o alto grau de bipolaridade da economia e do mercado.

Tomamos este caminho para nos situarmos em relação às atividades de pequena dimensão, relacionadas principalmente aos pobres - como as atividades de fabricação não inseridas na economia moderna, os serviços, como o trabalho doméstico, o comércio de pequenas proporções, que tanto pode ocupar um pequeno espaço, estruturalmente precário e lidar com estoques reduzidos, como podem ser desenvolvidos mesmo na indisponibilidade de um espaço exclusivamente destinado para tal, em casa ou nas ruas pelos “vendedores ambulantes” ou “vendedores de rua”.

Tendo em vista a situação atual do emprego, sobretudo para o contingente de trabalhadores sem qualificação, com pouco ou nenhum capital e com necessidades de sobrevivência imediatas, as atividades de pequenas dimensões representam a possibilidade de um ingresso mais rápido em ocupações, mesmo que sejam pouco significativas (econômica, social e/ou financeiramente), aleatórias e temporárias. No rol da atividade dos sapateiros, alfaiates, pequenos merceiros, carroceiros e motoristas de taxi, pedreiros e engraxates, carregadores de água, plantonistas, meninos de recado e domésticas de todo o tipo, estão incluídas as atividades dos comerciantes de pequena dimensão e dos vendedores ambulantes e vendedores de rua.

Esses trabalhadores da economia dita “pobre” fazem parte de uma parcela muito específica da “classe-que-vive-do-trabalho” (ANTUNES, 2009), ou classes que vivem do trabalho, considerando a diversidade: os trabalhadores informais em trabalho precário. Araújo e Oliveira (2011), Abílio (2011), Tavares (2004), Druck e Oliveira (2008), Filgueiras, Druck e Amaral (2004), Durães (2011), entre outros, discutem essas atividades de pequena dimensão, a partir do conceito de informalidade, trazendo para o cerne das discussões, o desdobramento delas, em uma infinidade de outras, que emergem na contemporaneidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Durante muito tempo essas formas de trabalho foram consideradas como atividades que não contribuíam para o crescimento do capitalismo. Entretanto o que as análises mais recentes demonstram é o surgimento de uma nova compreensão, que emerge no início do século XXI: a “do trabalho de rua (informal) não apenas em simbiose e interconexão (complementaridade) com o trabalho formal, mas se apresentando como um meio, por excelência, de expansão do capital, como uma nova via de acumulação” (DURÃES, 2011, p. 136).

A inserção marginal dos trabalhadores de rua (dos quais fazem parte os vendedores ambulantes, os camelôs, os comerciantes de pequenas barracas) contribui para que a reprodução de suas existências (de vida e trabalho) aconteça em condições precárias. Esses trabalhadores não estão protegidos socialmente, não têm uma jornada de trabalho fixada previamente, não conseguem projetar o futuro em razão da incerteza de suas atividades e ainda enfrentam “a ação disciplinadora e repressora do poder público através da fiscalização dos agentes da prefeitura (o Rapa); as péssimas condições do comércio, uma vez que se trata de um tipo de atividade que depende diretamente da oferta de bens e serviços para a população” (DRUCK E OLIVEIRA, 2008, p. 11). Além disso, as condições de trabalho que as ruas proporcionam - como a falta de infraestrutura, as intempéries climáticas e as péssimas condições de iluminação, higiene e saúde -, comprometem o trabalho e a qualidade de vida dos trabalhadores (as).

Os trabalhadores (as) sem emprego que fazem parte do mercado de trabalho informal precisam criar possibilidades e estratégias variadas de reinvenção. Para isso se utilizam de muita criatividade para garantir a própria sobrevivência e a sobrevivência das suas atividades. No bojo dessas discussões, insere-se o trabalho das pessoas que vivem do comércio de artigos religiosos nas romarias de Bom Jesus da Lapa.





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## CONCLUSÕES

Aparentemente, o trabalho que acontece nesse espaço, poderia ser caracterizado apenas como um trabalho informal de vendedores de rua (DURÃES, 2008), que possui as características das atividades da economia pobre, ou do dito “circuito inferior da economia” (SANTOS, 2004) e concebido, sobretudo, como reflexo das contradições do sistema capitalista. Contudo, como diria Cury (1986), entendemos que o que esse fenômeno, em aparência, revela sobre si mesmo, oculta a essência do que ele de fato é, e foi tentando captar essa essência, que nos deslocamos ao campo da memória, com o intento de compreender o comércio de artigos religiosos das romarias de Bom Jesus da Lapa. Foi, portanto, da pressuposta relação entre a memória social e o trabalho informal, que partimos.

A partir do campo da Memória, compreendemos como esse lugar foi se constituindo sagrado, como foi se diferenciando dos demais e como a memória foi, a um só tempo, constituindo-se socialmente a partir dele, constituindo-o e se concentrando no espaço, tornando-o um “lugar de memória” (NORA, 1981), de maneira que permanece até hoje, atraindo fiéis e trabalhadores (as), que a mobilizam de diferentes modos, continuamente. Foi percebendo a memória social construída sobre esse lugar, que pudemos compreender o próprio lugar, o que o diferencia dos outros, quais influências exerce sobre a vida das pessoas religiosas – que inclusive, têm grande importância no seu processo de demarcação, sacralização e duração -, para, então, compreender a inserção e a permanência dos trabalhadores (as) no trabalho informal do comércio de artigos religiosos das romarias.

Adentrando ao campo do Trabalho, fomos compreendendo como o sistema capitalista cria e recria as condições ideais para a sua expansão constante e para a concretização das suas lógicas, e como isso repercute amplamente na constituição dos espaços e no processo de trabalho. Em relação aos espaços, entendemos que o modo de produção hegemônico vai guiando-se pela seletividade e assim



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

produzindo e reproduzindo a heterogeneidade da realidade social. Dessa compreensão, utilizamos o conceito do “circuito inferior da economia” (SANTOS, 2004), para nos situarmos em relação ao trabalho que constitui o objeto em estudo, no âmbito de reprodução do capital.

Contudo, embora os trabalhadores (as) se reproduzam em meio a essas contradições e espoliações, eles também lutam e resistem a elas, criam as suas próprias estratégias de trabalho e de sobrevivência. Desse modo, consideramos que o lugar de religiosidade, fé, memória e trabalho é também um espaço de luta e resistência, uma vez que, impelidos pela necessidade de produção e reprodução da existência, os trabalhadores (as) criam e recriam diversas estratégias.

Nessa perspectiva, o trabalho informal se mostra como uma possibilidade. Sem empregos formais, muitas vezes sem qualificação e sem capital, os trabalhadores (as) com necessidades, que são imediatas e continuamente produzidas, inserem-se nas atividades informais da economia pobre, através de oportunidades de trabalho, muitas vezes degradantes, como é exemplo o trabalho dos vendedores de rua (DURÃES, 2011).

Em Bom Jesus da Lapa, o trabalho informal que estudamos pode ser compreendido a partir dessa perspectiva, levando em consideração que as estratégias dos trabalhadores (as) das romarias, possuem relação com a memória social dessa cidade santuário, já que é dela que os trabalhadores se apropriam, quando se inserem estrategicamente nas oportunidades de trabalho emergidas no bojo da sacralização do lugar.

Assim, trabalhadores e trabalhadoras sem empregos formais, sem capital e com pouca ou nenhuma qualificação, apoderam-se da memória social de Bom Jesus da Lapa, recompondo-a e ressignificando-a, a partir da perspectiva econômica, de modo que um fenômeno que originalmente atrairia pessoas em torno de si para o exercício exclusivo da fé, também atrai homens e mulheres trabalhadores, que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

utilizam a sacralidade do lugar, para comercializar artigos a ela relacionados, muitos dos quais, são produzidos por empresas capitalistas.

As experiências de trabalho e sobrevivência desses trabalhadores (as) estão relacionadas também à memória de um trabalho que foi sendo mantido e transmitido por comerciantes que ali sempre estiveram e também foi sendo incorporado por aqueles que ali chegaram, e ali buscaram como possibilidade, essa forma de trabalho que vem ao longo do tempo, sobrevivendo, recebendo, mantendo nesse lugar de trabalho, relações ou modos próximos de fazer não apenas o trabalho, mas a própria existência, em um determinado espaço e em um processo dado, no qual a sua própria duração possibilitou a transmissão de experiências e a incorporação de outras pessoas, que de uma forma ou de outra se colocaram sob as influências dessa memória, desse espaço geográfico, religiosamente constituído, desse lugar de memória.

Compreendemos que no processo de manutenção do lugar e das memórias relacionadas a eles, não é apenas o movimento dos fiéis do Bom Jesus e das pessoas religiosas que vão demarcando o espaço, constituindo e mantendo esse lugar em suas características. Além da interferência dessas pessoas, os sujeitos trabalhadores também se fazem presentes, imprimindo suas intenções de preservação e participando de modo constante, principalmente através do comércio da infinidade de artigos religiosos que identifica o lugar, a fé e a memória social de que falamos.

A memória social que constituiu Bom Jesus da Lapa em sua sacralidade e simultaneamente se constituiu nesse lugar, não contribui apenas para que o lugar se preserve sagrado e para a sobrevivência das pessoas que, em meio às contradições do sistema capitalista, precisam elaborar estratégias para trabalhar e sobreviver. Essa memória social contribui também para a concretização dos interesses e racionalidades do capital, pois o lugar, por sua movimentação relacionada à fé e à religiosidade, proporciona a comercialização de muitas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mercadorias produzidas nos circuitos capitalistas, embora as suas racionalidades não sejam as únicas que se movimentam nesse espaço.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Informalidade e acumulação capitalista: a centralidade do trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). *Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidades de reinvenção*. São Paulo, Annablume, CNPq: 2011.

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). *Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidades de reinvenção*. São Paulo, Annablume, CNPq: 2011.

CURY, Carlos Alberto Jamil. *Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica de fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez: autores associados, 1986.

DRUCK, Graça; OLIVEIRA, Luiz Paulo. *A condição "provisória permanente" dos trabalhadores informais: o caso dos trabalhadores de rua da cidade de Salvador*. Revista VeraCidade – Ano 3. Nº 3 – Maio de 2008.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. Novas formas de trabalho no capitalismo: os camelôs globais de produtos tecnológicos. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Roberto Vêras de (orgs.). *Formas de trabalho no capitalismo atual: condição precária e possibilidades de reinvenção*. São Paulo, Annablume, CNPq: 2011.

FILGUEIRAS, Luiz A. M.; DRUCK, Graça; AMARAL, Manoela Falcão do. *O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica*. Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 41, p. 211-229, Mai./Ago. 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, 224 p.

MALHEIROS, Gustavo. *Pedra e Luz*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008.

NORA, Pierre. *Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP – Brasil, 1981.

SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2008.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.